

RESSALVA

Atendendo solicitação da autora, o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 09/06/2027.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

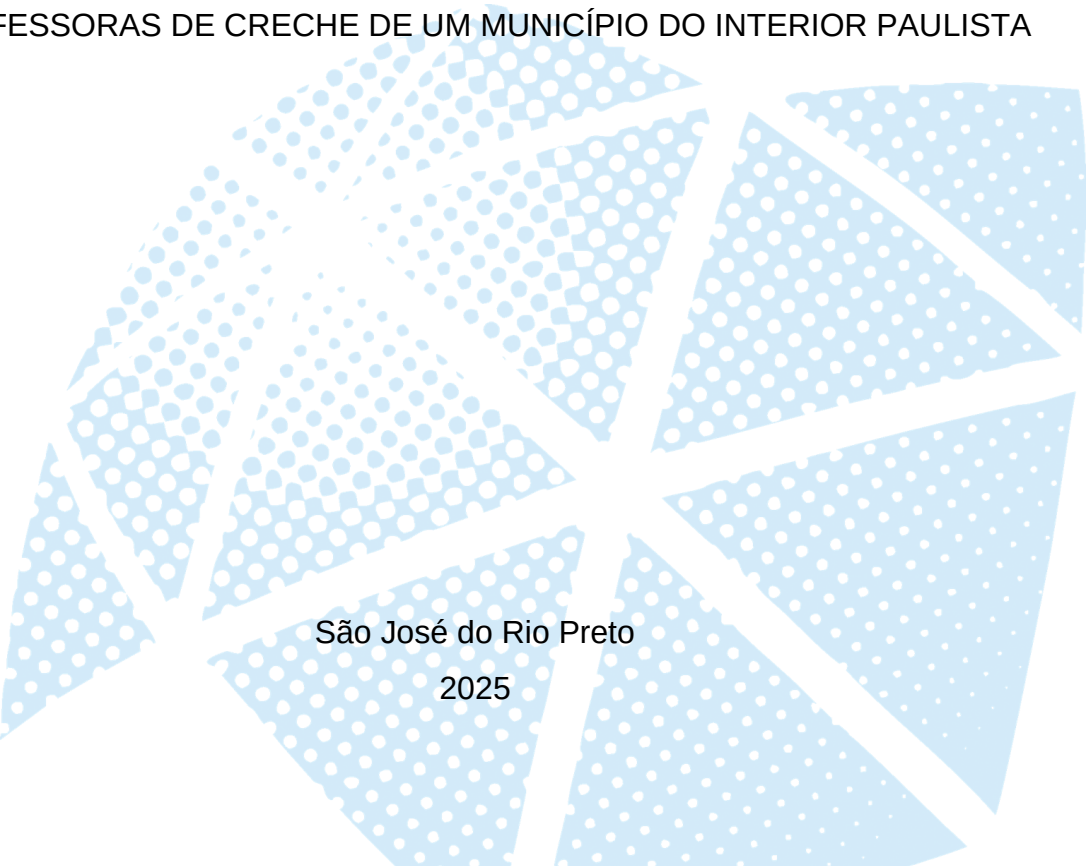
Câmpus de São José do Rio Preto

GÉSSICA SANTOS COUTO

DESFRALDE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM
PROFESSORAS DE CRECHE DE UM MUNICÍPIO DO INTERIOR PAULISTA

São José do Rio Preto

2025



GÉSSICA SANTOS COUTO

DESFRALDE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM
PROFESSORAS DE CRECHE DE UM MUNICÍPIO DO INTERIOR PAULISTA

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Ensino e Processos Formativos.

Área de Concentração: Humanidades,
Linguagens e Ciências Sociais.

Orientador (a): Profa. Dra. Maévi Anabel
Nono

São José do Rio Preto

2025

C871d Couto, Géssica Santos
Desfralde na educação infantil : o que dizem professoras de creche de um município do interior paulista / Géssica Santos Couto. -- São José do Rio Preto, 2025
145 p. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto
Orientadora: Maévi Anabel Nono

1. Desfralde. 2. Creche. 3. Professoras-Formação. I. Título.

GÉSSICA SANTOS COUTO

DESFRALDE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM
PROFESSORAS DE CRECHE DE UM MUNICÍPIO DO INTERIOR PAULISTA

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre (a) em Ensino e Processos Formativos.

Área de Concentração: Humanidades, Linguagens e Ciências Sociais

Data da defesa: 09/06/2025

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maévi Anabel Nono
UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas
Câmpus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Sandra Márcia Campos Pereira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Profa. Dra. Ana Maria Klein
UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas
Câmpus de São José do Rio Preto

Dedico este trabalho a cada criança que tive a oportunidade de conhecer e conviver. Vocês são as principais responsáveis pelas inquietações que levaram a esta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo amor infinito, pelas bênçãos recebidas e por me guiar nos momentos de dificuldade, possibilitando a conclusão desta pesquisa.

Aos meus pais, Cássia e Geraldo, que, com simplicidade, honestidade e sabedoria, me ensinaram a valorizar a verdadeira essência da vida. A vocês, dedico todo o meu amor e a minha eterna gratidão.

Ao Daniel, meu companheiro, pelo apoio, dedicação e por sempre acreditar em mim. Sou imensamente grata pelo incentivo desde quando nos conhecemos e por compartilhar deste projeto tão importante.

À Mel, por me mostrar o amor mais puro, incondicional e inocente, despertando em mim os mais belos sentimentos.

À minha irmã e melhor amiga, Beatriz, pelo apoio incondicional e pela cumplicidade em todos os momentos.

À minha irmã Bianca (in memoriam), de quem tenho uma saudade imensa. Mesmo sem entender os motivos de sua partida tão breve, sou muito grata a Deus por ter me permitido compartilhar dos seus 15 anos de vida.

Aos meus irmãos, Bruno e Nailson, por me ensinarem a lutar e a persistir, mesmo nas situações mais adversas.

À Profa. Dra. Maévi Anabel Nono, minha orientadora, agradeço pela sensibilidade, atenção, confiança e pelos ensinamentos que foram fundamentais para a realização deste trabalho e para meu crescimento acadêmico e profissional. Sou profundamente grata pela oportunidade de ser sua aluna.

Às professoras participantes desta pesquisa, pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos e experiências, que foram essenciais para o desenvolvimento deste estudo.

Às professoras doutoras Sandra Márcia Campos Pereira e Ana Maria Klein pelas contribuições dadas durante a banca de qualificação, que enriqueceram este trabalho e ampliaram minhas reflexões.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Muito obrigada!

“A infância é a grande fonte da nossa vitalidade imaginária. É bem verdade que a imaginação é uma faculdade que se desenvolve em um contínuo, ao longo de toda a nossa vida. Mas é também verdade que a imaginação na infância tem uma sensibilidade especial, que as crianças tendem a se entregar mais livremente à fantasia, e que da plenitude da experiência imaginária na infância depende em boa parte a saúde psicológica na idade adulta. O poder específico da imaginação da criança tem muitas razões: uma das mais singelas é o fato de a imaginação se nutrir de imagens novas, e para a criança o mundo está cheio de imagens novas”.

(Girardello, 2007, p. 39)

RESUMO

O processo pedagógico de deixar as fraldas na escola de Educação Infantil representa uma etapa essencial na formação da autonomia das crianças pequenas. O controle esfinteriano é um processo fisiológico e neuropsicomotor que faz parte do desenvolvimento infantil, o qual deve ser respeitado em sua singularidade. No entanto, esse tema ainda é pouco discutido nas políticas públicas, nos currículos de formação docente e na literatura acadêmica da área educacional. A presente pesquisa teve como objetivo descrever e analisar os dizeres de professoras de creches públicas de um município do noroeste paulista sobre o desfralde na Educação Infantil. Trata-se de uma investigação de abordagem quanti-qualitativa, de caráter descritivo-analítico. Participaram do estudo 46 professoras que atuam nos agrupamentos de Berçários II e Maternais I de dez creches municipais, sendo uma delas conveniada. Os dados foram coletados por meio de um questionário com questões abertas e fechadas, cujas respostas foram analisadas a partir de seis focos de análise: práticas pedagógicas adotadas no processo de desfralde; saberes construídos nas formações inicial e continuada; desafios enfrentados e estratégias utilizadas; condições institucionais; orientações recebidas das escolas e da Secretaria Municipal de Educação; e o papel das famílias. Os resultados revelam que o desfralde é realizado, em grande parte, com base na experiência prática das docentes, mais do que em saberes sistematizados adquiridos nas formações. As práticas pedagógicas, por sua vez, nem sempre se articulam às diretrizes curriculares ou se sustentam em uma intencionalidade pedagógica planejada. Além disso, a pesquisa evidenciou importantes lacunas formativas, ausência de normatizações específicas e desafios estruturais nas instituições, como a elevada proporção de crianças por educador e a formação limitada dos profissionais auxiliares. Também se observou que o alinhamento com as famílias é considerado fundamental pelas professoras, mas nem sempre é efetivo, o que impacta negativamente o andamento do processo. Diante dessas evidências, a pesquisa reforça a importância de reconhecer o desfralde como uma prática pedagógica essencial, que demanda planejamento, formação específica, diretrizes institucionais consistentes e corresponsabilidade entre escola e família. Reavaliar o processo de desfralde implica, portanto, repensar o currículo da Educação Infantil e os programas de formação docente, de modo a garantir um atendimento integral, humanizado e respeitoso às necessidades das crianças bem pequenas.

Palavras-chave: desfralde; creche; professoras-formação.

ABSTRACT

The pedagogical process of leaving diapers in early childhood education represents a crucial stage in the development of young children's autonomy. Sphincter control is a physiological and neuropsychomotor process that is part of child development and must be respected in its uniqueness. However, this topic is still rarely discussed in public policies, teacher education curricula, and academic literature in the field of education. This research aimed to describe and analyze the statements of teachers from public daycare centers in a municipality in the northwest region of São Paulo State regarding toilet training in early childhood education. This is a quantitative, descriptive-analytical study. A total of 46 teachers working with groups of toddlers (Berçário II and Maternal I) in ten municipal daycare centers-one of them affiliated-participated in the study. Data were collected through a questionnaire with open and closed questions, and the responses were analyzed based on six analytical foci: pedagogical practices adopted in the toilet training process; knowledge constructed during initial and continuing education; challenges faced and strategies used; institutional conditions; guidance received from schools and the Municipal Department of Education; and the role of families. The results reveal that toilet training is mostly based on teachers' practical experience rather than on systematized knowledge acquired during their education. Pedagogical practices are not always aligned with curriculum guidelines or grounded in planned pedagogical intentionality. Furthermore, the research highlighted significant training gaps, lack of specific regulations, and structural challenges in institutions, such as the high child-to-teacher ratio and limited training of support staff. It was also observed that alignment with families is considered essential by teachers, although it is not always effective, which negatively affects the process. These findings underscore the importance of recognizing toilet training as a key pedagogical practice that requires planning, specific training, consistent institutional guidelines, and shared responsibility between school and family. Rethinking the toilet training process, therefore, involves revisiting the early childhood education curriculum and teacher education programs to ensure comprehensive, humanized, and respectful care for young children.

Keywords: toilet training; daycare; teacher education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição de Idade das Participantes	74
Gráfico 2 – Professoras com Formação em Pedagogia e Magistério	75
Gráfico 3 – Distribuição das respostas sobre formação docente relacionada ao desfralde	85

QUADROS

Quadro 1 – Produções disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES com o termo de busca <i>desfralde</i> , período de 2013-2024 – título, autor, tipo, instituição e ano de publicação.	21
Quadro 2 – Produções disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES com o termo de busca <i>controle esfíncteriano</i> , período de 2013-2024 – título, autor, tipo, instituição e ano de publicação.	22
Quadro 3 – Produções disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES com o termo de busca <i>fralda</i> , período de 2013-2024 – título, autor, tipo, instituição e ano de publicação.	23
Quadro 4 – Produções disponíveis no Google Acadêmico com o termo de busca <i>desfralde controle esfíncteriano</i> , período específico 2009-2024 – título, autor, tipo, instituição e ano de publicação.	25
Quadro 5 – Caracterização das participantes da pesquisa	76
Quadro 6 – Síntese dos dados da pesquisa	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição das salas por número de crianças, agrupamento da Educação Infantil, faixa etária e número de adultos	92
Tabela 2 – Distribuição das salas por número de adultos auxiliares, faixa etária e número de crianças por sala	93
Tabela 3 – Formação dos auxiliares nas creches	94

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BNCCEI	Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CF	Constituição Federal
DCNEIs	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PNAD	Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua
PNE	Plano Nacional de Educação
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
SBP	Sociedade Brasileira de Pediatria
SBU	Sociedade Brasileira de Urologia
SME	Secretaria Municipal de Educação
TE	Treinamento Esfincteriano

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	35
2.1 A CRECHE E A DOCÊNCIA NA CRECHE NO CONTEXTO BRASILEIRO	35
2.2 O DESFRALDE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	51
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	68
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	72
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES	72
4.2 SÍNTESE DOS DADOS DA PESQUISA.....	78
4.3 DISCUSSÃO A PARTIR DOS FOCOS DE ANÁLISE	81
4.3.1 Práticas pedagógicas no processo de desfralde	82
4.3.2 Saberes sobre desfralde construídos nas formações inicial e continuada.....	84
4.3.3 Desafios e estratégias no processo de desfralde.....	88
4.3.4 Condições institucionais e o processo de desfralde.....	91
4.3.5 Orientações institucionais sobre o desfralde	95
4.3.6 Dizeres das professoras sobre o papel das famílias no desfralde	98
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS.....	105
APÊNDICE A – Questionário.....	120
APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	122
APÊNDICE C – Levantamento bibliográfico sobre o desfralde e o controle esfincteriano	124

1 INTRODUÇÃO

O tempo, enquanto conceito, não pode ser dissociado da história, pois é no seu desenrolar que se encontra o movimento de transformação e compreensão dos processos sociais, culturais e humanos. Em minha trajetória, percebo que o tempo é a base que me permite revisitar o passado para entender o presente, refletindo sobre como o passado constrói o meu ser e o meu lugar no mundo. Essa visão se alinha ao pensamento de Bittencourt (2005), que define o tempo como o estudo das atividades humanas, ou seja, da cultura ao longo do tempo. Portanto, o tempo e a história são conceitos indissociáveis, e é por meio dessa relação que conseguimos compreender a dinâmica das experiências humanas.

Nasci no povoado de Jurema, pertencente ao município de Licínio de Almeida, BA, sendo a segunda filha de um total de cinco irmãos - três irmãs e dois irmãos. Minha mãe, apesar das dificuldades, conseguiu concluir o curso de Magistério e trabalhou como professora primária nos primeiros anos após se casar, em uma escola na zona rural do povoado. Meu pai, por sua vez, quando se casou, possuía apenas a antiga quarta série primária e passou a maior parte de sua vida trabalhando no campo, atividade à qual se dedica até os dias atuais.

Quando eu tinha cerca de 3 anos de idade, minha família se mudou para o interior de São Paulo, SP, em busca de melhores condições de vida e de trabalho, diante da realidade difícil e muitas vezes injusta das áreas rurais do nordeste brasileiro. Fomos morar em um sítio, na divisa entre os municípios de Ipiguá e São José do Rio Preto. Apesar das limitações financeiras, nossa infância foi marcada pela simplicidade, mas também pela felicidade. Era nesse lugar, que eu e meus irmãos chamávamos carinhosamente de “O Melhor Lugar do Mundo”, que vivi intensamente o tempo da minha infância, em contato com a natureza, vivenciando experiências e descobertas, especialmente ao lado do meu irmão mais velho. Após nossa mudança, minha mãe deixou de lecionar, dedicando-se integralmente ao cuidado da família.

Aos 4 anos de idade, iniciei minha trajetória escolar no Jardim I, equivalente à atual pré-escola. Toda a minha Educação Básica foi cursada em instituições públicas, e, até o primeiro ano do Ensino Médio, estudei no município de Ipiguá, onde recebi uma excelente formação e criei vínculos com professores que foram decisivos para a minha escolha profissional. Sempre fui uma aluna muito dedicada e

questionadora, tornando-me cada vez mais exigente comigo mesma à medida que o tempo passava, sempre buscando entregar o meu melhor, aprimorando-me a cada nova etapa.

Por morar no sítio, eu ia para a escola com o transporte escolar municipal, que atendia a várias regiões, muitas de difícil acesso. Em virtude disso, sempre chegava à escola cerca de uma hora e vinte minutos antes do início das aulas. Aproveitava esse tempo para visitar a biblioteca, ler livros, jogar tênis de mesa com meus colegas e estudar os conteúdos das disciplinas. A partir da sétima série, uma professora, pela qual tenho grande carinho, percebeu meu tempo disponível e me pediu para ajudar alguns alunos com dificuldades na disciplina de matemática. Em contrapartida, ela ofereceu-me um ponto extra a cada fechamento de bimestre. Eu nunca precisei desse acréscimo na nota, pois tinha facilidade na matéria em questão, mas essa oportunidade foi crucial para que eu optasse pela carreira docente.

Na mesma época, meu pai decidiu retomar os estudos, matriculando-se em um projeto de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos (EJA), carinhosamente chamado por ele de “escolinha”. Para ele, aquele foi um período de muitas risadas e amizades, e ele mesmo relata que, quando não conseguia fazer as lições de casa, era ajudado por mim e pelas minhas irmãs. Essa vivência também deixou uma marca importante na minha trajetória e na minha visão sobre a educação.

Por questões burocráticas envolvendo o transporte escolar, devido ao fato de morar na divisa entre municípios, tive que concluir o Ensino Médio na cidade de São José do Rio Preto. Com isso, a “monitoria” terminou, mas o desejo de tornar-me educadora já ansiava dentro de mim.

Aos 16 anos, comecei a trabalhar oficialmente, pois sentia que deveria contribuir regularmente com as finanças da minha família, uma vez que o salário do meu pai era modesto. Mesmo com a rotina exigente do final do Ensino Médio, consegui conciliar o trabalho e os estudos. Ao concluir a Educação Básica, estava decidida a buscar o ensino superior, mas ainda estava indecisa entre os cursos de Matemática e Pedagogia. A única certeza era que seria no IBILCE/UNESP, universidade indicada pela professora de Matemática mencionada anteriormente. Contudo, havia obstáculos, como o fato de morar na zona rural, sem transporte disponível para o período noturno da universidade. Além disso, meus pais não

aceitavam a ideia de eu morar sozinha ou dividir moradia com pessoas fora do vínculo familiar.

Para contornar esses desafios, resolvi buscar minimamente estabilidade financeira antes de ingressar na universidade. No entanto, durante esse processo, descobri um tumor na região da mandíbula - felizmente benigno, mas que trouxe sérias complicações. O tratamento exigiu anos de cuidados médicos e cirúrgicos para reconstrução da face e restabelecimento de funções biológicas. Durante esse período, continuei trabalhando na área administrativa de uma empresa privada, na qual já atuava antes do diagnóstico.

Sempre ouvi brincadeiras de familiares e amigos, que diziam que eu “nasci com 100 anos”, talvez devido às responsabilidades que assumi muito cedo, como cuidar dos meus irmãos mais novos. Porém, nada me fez amadurecer mais do que o tempo em que passei em tratamento, ressignificando meu processo de humanização, autoconhecimento e autoconstrução.

Em 2018, já decidida a cursar Pedagogia, inscrevi-me no processo seletivo do Cursinho Vitoriano, um projeto de extensão da UNESP, para estudo dos conteúdos escolares. Foi uma experiência enriquecedora, que fortaleceu minha decisão e aprofundou meu vínculo com a universidade. No mesmo ano, prestei o vestibular para Pedagogia e fui aprovada. Em 2019, iniciei o curso de Pedagogia e, prontamente, muitas portas se abriram como uma espécie de libertação. No entanto, os paradoxos e desafios da profissão já demonstravam que o caminho a ser percorrido não seria fácil, devido ao processo histórico de construção e desvalorização da educação pública brasileira, que se perpetua desde os primórdios.

Dessa forma, desde o primeiro ano de graduação já sentia que diversas lacunas iam se formando na construção e na apropriação dos conhecimentos historicamente sistematizados pela humanidade, pois, devido à estrutura curricular, aos interesses de mercado e todas as burocracias, o tempo destinado a cada disciplina se mostrava insuficiente para mim, tencionando uma formação verdadeiramente humana, ainda que a profissão tenha como marcas a incerteza e a imprevisibilidade. Apesar disso, logo nos primeiros semestres, houve uma identificação com a Educação Infantil, onde as disciplinas eram ministradas pela professora Maévi. Foi um processo de desconstrução complexo para mim, que não compreendia as particularidades dos mundos das infâncias e o significado histórico de criança na atualidade.

Com o tempo, entendi que a Educação Infantil, enquanto segmento da sociedade, possui suas particularidades, onde cuidar e educar são funções complementares e indissociáveis. Passei a compreender a criança como um ser social e de direitos, capaz de construir significados sobre si mesma e sobre o mundo, sendo protagonista de sua própria história. Para mim, criança é, ainda, uma vida em potencial que precisa ser estimulada e acolhida. Essas compreensões fazem parte de um processo de ressignificação iniciado na graduação, mas que não se findou com ela, pois ainda existem incompreensões e descompassos entre as legislações e a prática educativa, o que me causa muitas inquietações.

Neste sentido, muitas vezes, durante a realização dos estágios - Profissional e Obrigatórios -, eu observava uma discrepância acentuada entre o que era discutido na universidade - não apenas na Educação Infantil, mas na Educação Básica como um todo - e o que, de fato, ocorria na prática escolar. A esse respeito, Nóvoa (2017) faz uma reflexão importante ao destacar que:

[...] nos últimos anos, tem vindo a crescer um sentimento de insatisfação, que resulta da existência de uma distância profunda entre as nossas ambições teóricas e a realidade concreta das escolas e dos professores, como se houvesse um fosso intransponível entre a universidade e as escolas, como se a nossa elaboração académica pouco tivesse contribuído para transformar a condição socioprofissional dos professores (p. 1108-1109).

Em 2023, concluí a graduação em Pedagogia, ciente de que a busca pela formação continuada é fundamental para a minha profissão. A formação inicial, por mais significativa que tenha sido, não é capaz de suprir todas as demandas, especialmente em uma sociedade em constante transformação como a nossa. Nesse processo, desenvolvi uma identidade profunda com a vida acadêmica, particularmente com a pesquisa, que me proporcionou uma nova maneira de enxergar o mundo. Essa mudança de perspectiva foi ainda mais relevante quando comecei a refletir sobre as dificuldades da Educação Básica, mesmo sem atuar diretamente como docente, compreendi que uma forma de conectar a universidade à realidade das escolas seria por meio da pesquisa, que, ao focar nesses desafios, poderia buscar soluções ou, ao menos, apontar caminhos. Contudo, reconheço que, embora a pesquisa seja essencial, ela precisa ser transformada em políticas públicas para gerar mudanças efetivas, pois sem esse movimento, pouco conseguimos avançar.

O primeiro contato direto com a pesquisa durante a graduação ocorreu por meio da iniciação científica, sob a orientação da professora Maévi. Desde o momento em que manifestei meu interesse pela primeira infância, ela me incentivou a aprofundar meus estudos nessa área, reconhecendo a importância da Educação Infantil como o primeiro contato formal e institucionalizado das crianças com o sistema educacional. Acredito que essa etapa, devido à sua força expressiva, tem o potencial de ser o início de uma mudança significativa rumo a uma sociedade mais justa e igualitária. A professora Maévi não poupou esforços para me proporcionar as condições necessárias para acessar e reconstruir esses conhecimentos.

Foi assim que iniciei uma investigação sobre o processo de desfralde durante a iniciação científica, com o objetivo de compreender como esse tema era tratado nas normativas e documentos brasileiros, sob a orientação da professora Maévi. No meu Trabalho de Conclusão de Curso, também orientado por ela, abordei as questões da indisciplina na primeira infância. Essas pesquisas me permitiram entender as dinâmicas que envolvem esses aspectos do desenvolvimento infantil.

Deste modo, a partir dos conhecimentos adquiridos ao longo da graduação em Pedagogia, surgiram diversos questionamentos: como podemos alcançar os objetivos de uma educação mais justa se, em vez de ouvir as crianças, elas são constantemente silenciadas? Como estimular a curiosidade, a criticidade, a autonomia e o desenvolvimento em ambientes frequentemente autoritários, onde as crianças acabam assumindo um papel passivo, até mesmo nas ações mais básicas?

Essas perguntas são extremamente desafiadoras, especialmente diante do atual cenário educacional brasileiro. Elas me motivam enquanto pesquisadora, em minha busca contínua por respostas. Para mim, é fundamental reconhecer que a universidade pública desempenha um papel essencial na manutenção e disseminação do conhecimento historicamente sistematizado pela humanidade, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão. Dessa maneira, foi por compreender essa importância e pela identificação com a área acadêmica, que assim que terminei a graduação, ainda no ano de 2023, prestei o processo seletivo para o mestrado e fui aprovada na linha de pesquisa Infância e Adolescência, o que tem me permitido desenvolver essa pesquisa e a construir e a reconstruir tantos outros saberes.

Ainda em 2023, prestei o concurso público e, no início de 2024, ingressei como professora efetiva no município onde a pesquisa foi realizada. Devido à minha classificação, tive a oportunidade de escolher o agrupamento em que gostaria de

trabalhar. Embora fosse uma escolha difícil para alguém que nunca havia trabalhado como professora, essa possibilidade me trouxe certo conforto, pois optei por um agrupamento de Maternal I, com o intuito de vivenciar o processo de desfralde.

No entanto, para minha surpresa, quando cheguei à unidade escolar para me apresentar, o diretor informou que a vaga que eu havia escolhido não estava mais disponível, pois houve uma mudança na escola no dia anterior, resultando na redistribuição das salas entre as professoras. Nesse momento, senti como se o chão tivesse se aberto sob meus pés, mas contive minhas emoções e mantive o profissionalismo. O único agrupamento disponível para mim era uma sala de Berçário II, com 29 bebês e crianças bem pequenas, um grupo com o qual eu não desejava trabalhar no primeiro ano de carreira, por não me sentir preparada devido às especificidades da faixa etária.

Neste dia e nos seguintes, chorei muito quando chegava em casa, pois o "fosso intransponível" mencionado anteriormente se fez presente na realidade do chão da escola. Eu me questionava como, depois de toda a minha formação, poderia me sentir completamente perdida, sem saber como agir diante de tantos bebês em pânico pela separação de suas famílias. E mais, tendo que gerenciar três adultos sem a formação básica necessária para cuidar e educar aquelas crianças.

Os dois primeiros meses foram tenebrosos. Foi preciso estudar muito para encontrar uma direção, e os materiais da graduação foram essenciais para me amparar e superar essa fase, com o apoio da coordenadora pedagógica. Em relação às berçaristas, percebi que a opção mais viável era investir em suas formações, o que passei a fazer constantemente nos momentos em que as crianças dormiam. Esse processo foi desafiador, pois envolvia desconstruir práticas cristalizadas no ambiente escolar, mas acredito que consegui avançar um pouco nesse sentido. Além desses desafios, enfrentei questões estruturais. Assumi uma sala com pouca infraestrutura, poucos brinquedos e materiais, muitos deles quebrados e sem condições de uso. Por isso, foi necessário reestruturar a sala de referência e o solário, o que demandou parceria com as famílias, doações e recursos próprios, visando melhorar a qualidade do atendimento prestado às crianças.

Encontrar apoio nos estudos sobre a inserção profissional, os professores iniciantes e as diferentes fases da carreira docente ajudou-me a compreender que, infelizmente, esse é um processo enfrentado pela grande maioria dos educadores. Nesse sentido, Huberman *et al.* (1992) destacam as fases iniciais da carreira

docente, que envolvem a experimentação da profissão e o compromisso com a especialização. Nos primeiros três anos, o professor enfrenta um “choque de realidade”, marcado pela adaptação, desafios e novas responsabilidades, além de sentimentos variados, como entusiasmo e frustração.

Cruz, Farias e Hobold (2020) afirmam que o professor iniciante lida com uma sobrecarga cognitiva, afetiva e emocional, dedicando grande esforço para enfrentar as dificuldades peculiares da profissão. Isso ocorre porque seu repertório de conhecimento ainda é limitado, mas o processo de crescimento e a constante reelaboração desses saberes contribuem para a consolidação de compreensões e práticas relacionadas ao trabalho docente.

Hoje tenho muito orgulho de ser professora de bebês e crianças bem pequenas. Que bom que a vida me proporcionou essa experiência, pois meu trabalho é ressignificado todos os dias, à medida que ensino e aprendo com elas. Quanto ao desfralde, estou vivenciando esse marco do desenvolvimento com algumas crianças que já demonstram os sinais de prontidão.

Seja como for, este ano tem sido o mais desafiador de toda a minha trajetória profissional. Isso vai ao encontro do que é defendido por Cruz, Farias e Hobold (2020, p. 3), que reiteram: “começar nunca é fácil, ainda mais quando se refere a começar um exercício profissional complexo como é o trabalho do professor que, entre outras características, é interativo, multidimensional e contingente”. Por isso, entendo que não posso me afastar deste espaço de encontro, de diálogo, de formação e de partilha que é a universidade, pois, do contrário, estarei negando minhas próprias convicções e o compromisso com uma educação verdadeiramente efetiva e de qualidade.

Mas por que investigar o desfralde na Educação Infantil?

O desfralde, também denominado controle esfinteriano, refere-se ao processo fisiológico e neuropsicomotor em que a criança desenvolve, de forma gradual, a capacidade de controlar voluntariamente os esfíncteres responsáveis pela liberação da urina e das fezes (Brazelton; Sparrow, 2005; Ghizoni *et al.*, 2021). Contudo, além dessa dimensão fisiológica essencial, o desfralde envolve aspectos emocionais, sociais e culturais, sendo considerado um marco significativo no desenvolvimento infantil, diretamente relacionado à construção da autonomia, da identidade corporal e da autoestima das crianças bem pequenas (Barbosa; Quadros, 2017; Gomes, 2019).

Durante a Licenciatura em Pedagogia, os estudos sobre o desenvolvimento infantil e as especificidades do trabalho pedagógico com os bebês e as crianças bem pequenas denotam a importância de uma escuta ativa e sensível às suas necessidades e expressões. Além disso, ao longo da minha formação, também constatee a ausência de orientações claras sobre o tema do desfralde nas normativas e documentos, especialmente no âmbito estadual e municipal (Nono; Couto, 2023). Esse contexto me levou a investigar o tema, principalmente após o contato com pesquisas de diversos autores, como Felipe (2001), Gomes (2019), Quadros (2017), Barbosa e Quadros (2017) e Goh *et al.* (2013). De maneira geral, esses estudos discutem e problematizam o desfralde com base em pesquisas que demonstram a sua importância, devido à falta de conhecimento dos envolvidos no processo educativo, especialmente os professores que cuidam e educam crianças em creches.

Assim, as referidas pesquisas apontaram que as ações de cuidado ainda são frequentemente secundarizadas nas creches, sendo vistas como práticas pouco profissionais. Diante disso, é preocupante que, apesar dos avanços na Educação Infantil, muitos educadores recorram apenas a conhecimentos empíricos para conduzir suas práticas, especialmente em relação a um marco tão crucial no desenvolvimento infantil, como o desfralde. Desse modo, a ausência de um embasamento científico reforça essa abordagem prática, revelando uma lacuna significativa, especialmente considerando a necessidade de promover o bem-estar e o desenvolvimento integral dos bebês e das crianças bem pequenas.

Dessa forma, para a realização desta pesquisa, foi conduzido um levantamento bibliográfico com o objetivo de identificar produções acadêmicas que abordassem o desfralde no contexto da Educação Infantil. A busca foi realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, contemplando o período de 2013 a 2024, uma vez que os trabalhos anteriores a esse intervalo não estão disponíveis para acesso da versão completa na plataforma. Foram utilizados como termos de busca os descritores “*desfralde*”, “*controle esfinteriano*”, “*fralda*” e “*docencia creche*”.

Para cada descritor, elaborou-se um quadro específico com a finalidade de organizar e sistematizar os resultados encontrados. Todas as análises seguiram o mesmo padrão metodológico. Para isso, inicialmente foram lidos os títulos dos trabalhos identificados, buscando-se aqueles que apresentassem alguma

aproximação com a temática. Em seguida, realizou-se a leitura dos resumos selecionados, a fim de verificar com maior precisão sua aderência ao foco da pesquisa. Como critério de exclusão, foram desconsideradas produções que não tratavam de crianças de 0 a 5 anos de idade, faixa etária que corresponde ao público atendido na Educação Infantil (Brasil, 2017).

A seguir, apresentam-se os quadros com os resultados obtidos a partir de cada descritor, destacando as produções que se enquadraram na temática investigada. No Apêndice C estão apresentados os quadros com os resumos e *links* para acesso a todas as produções mencionadas nos Quadros 1, 2, e 4.

Quadro 1 - Produções disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES com o termo de busca *desfralde*, período de 2013-2024 - título, autor, tipo, instituição e ano de publicação.

	Título	Autor	Tipo	Instituição	Ano
01	Desenvolvimento e Testagem de um Aplicativo para Auxiliar o Treinamento Esfincteriano em Crianças com Síndrome de Down	Renata Sampaio Rodrigues Soutinho	Tese	Universidade Presbiteriana Mackenzie	2022
02	Adaptação Transcultural do Questionário Toileting Habit Profile Questionnaire - Revised (Thpq-R) para o Português do Brasil	Camilla Lima Zugman	Dissertação	Universidade Federal de São Paulo	2021

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A pesquisa resultou em quatro registros, no entanto, apenas dois atendiam aos critérios estabelecidos para esta pesquisa e, por isso, foram incluídos no Quadro 1. As produções selecionadas referem-se a uma dissertação e uma tese, ambas vinculadas à área da Saúde, com enfoques específicos e sem relação direta com o campo educacional. A dissertação de Zugman (2021) adaptou um questionário internacional para avaliar hábitos atípicos de defecação em crianças, enquanto a tese de Soutinho (2022) desenvolveu um aplicativo para apoiar o desfralde em crianças com Síndrome de Down. Apesar de apresentarem contribuições relevantes para o campo da saúde infantil, os estudos não abordam diretamente o cuidado e a educação em contextos institucionais formais, como as escolas de Educação Infantil.

Em continuidade ao levantamento, o descritor “controle esfincteriano” também foi utilizado como termo de busca no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Os resultados encontrados estão apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 - Produções disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES com o termo de busca *controle esfincteriano*, período de 2013-2024 - título, autor, tipo, instituição e ano de publicação.

	Título	Autor	Tipo	Instituição	Ano
01	Desenvolvimento e Testagem de um Aplicativo para Auxiliar o Treinamento Esfincteriano em Crianças com Síndrome de Down	Renata Sampaio Rodrigues Soutinho	Tese	Universidade Presbiteriana Mackenzie	2022
02	Treinamento Esfincteriano em Crianças com Síndrome de Down: um Estudo Caso Controle	Flavia Cristina de Carvalho Mrad	Tese	Universidade Federal de Juiz de Fora	2017
03	Conhecimento e Experiência de Profissionais da Educação Infantil Acerca do Processo de Treinamento Esfincteriano em Crianças Pré-Escolares	Bruna Marcela Lima de Souza	Dissertação	Universidade de Brasília	2019

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A busca com o descritor “controle esfincteriano” resultou em dezesseis registros, dos quais apenas três atenderam aos critérios estabelecidos. Um desses trabalhos, de autoria de Soutinho (2022), já havia sido identificado na busca anterior com o descritor “desfralde” e, por isso, não será retomado aqui.

A tese de Mrad (2017) investiga o treinamento esfincteriano em crianças com Síndrome de Down, comparando-as a crianças neurotípicas, com um enfoque clínico e metodológico vinculado à área da Saúde. Por sua vez, a dissertação de Souza (2019) é a única produção que aborda diretamente o desfralde sob a perspectiva da Educação Infantil. O estudo analisa o conhecimento e a experiência de profissionais da área quanto ao processo de treinamento esfincteriano em crianças de 1 a 5 anos de idade, evidenciando fragilidades na formação docente, dificuldades na comunicação com as famílias e falta de clareza sobre a corresponsabilidade nesse processo.

Assim, entre os três trabalhos analisados, apenas um se aproxima do foco desta pesquisa por considerar o desfralde em contextos institucionais educativos, o que reforça a escassez de produções sobre o tema na área da Educação Infantil.

Dando continuidade ao levantamento, o descritor “fralda” também foi utilizado com o intuito de identificar estudos que abordassem direta ou indiretamente o processo de desfralde no contexto da Educação Infantil. Os resultados obtidos estão apresentados a seguir no Quadro 3.

Quadro 3 - Produções disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES com o termo de busca *fralda*, período de 2013-2024 - título, autor, tipo, instituição e ano de publicação.

	Título	Autor	Tipo	Instituição	Ano
01	Relação Entre o Processo de Treinamento Esfincteriano e a Ocorrência de Enurese Primária Monossintomática na Idade Escolar	Tania Antunes Carvalho	Dissertação	Universidade Federal de Minas Gerais	2022

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A busca com o descritor “fralda” resultou inicialmente em 63 registros. No entanto, após a aplicação do critério de exclusão, apenas uma dissertação foi considerada pertinente para esta pesquisa. O trabalho selecionado, de autoria de Carvalho (2022), investigou a relação entre o tipo de treinamento esfincteriano adotado na primeira infância e a ocorrência de enurese primária monossintomática na idade escolar. A pesquisa revelou que crianças submetidas ao método estruturado comportamental apresentaram maior probabilidade de desenvolver enurese. Embora o estudo dialogue com aspectos do desenvolvimento infantil, sua abordagem é voltada à área da Saúde e não contempla diretamente o processo de desfralde sob a perspectiva educacional.

No caso da busca com o termo “docência creche”, foram localizados 52 trabalhos no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Após a leitura integral dos resumos das produções identificadas, verificou-se que nenhuma delas abordava o desfralde, seja como tema central ou como parte integrante do cotidiano das práticas pedagógicas nas instituições de Educação Infantil. Por esse motivo, não foi elaborado quadro com os resultados dessa busca, uma vez que nenhum dos estudos se enquadrou na temática investigada.

Ainda assim, a análise permitiu observar a diversidade de abordagens presentes nas pesquisas, que foram organizadas de acordo com os temas mais recorrentes. Uma parte significativa dos trabalhos concentra-se na compreensão dos sentidos e significados atribuídos à docência com bebês e crianças pequenas. Essas investigações, em geral, partem da perspectiva histórico-cultural - especialmente das contribuições de Leontiev e Vygotsky - para discutir as contradições entre o significado social da docência e os sentidos subjetivos atribuídos pelas educadoras,

como evidenciado nos estudos de Manholer (2019), Castro (2023) e Pimentel (2022).

Outra vertente recorrente refere-se às narrativas autobiográficas e processos formativos. Nesses trabalhos, as professoras compartilham suas trajetórias profissionais, percursos de formação e modos de construção da identidade docente ao longo do tempo. Pesquisas como as de Costa (2020), Miranda (2019), Streit (2023) e Machado (2023) ilustram essa abordagem, destacando a importância das experiências vividas, das memórias e das reflexões sobre a prática pedagógica com os bebês.

Também são frequentes os estudos voltados às práticas educativas e ao cotidiano nas creches, abordando temas como a organização dos espaços, a escuta das crianças, as rotinas e os desafios enfrentados pelas docentes em contextos socioculturais específicos - como no caso da educação ribeirinha (Paz, 2020) ou de propostas curriculares baseadas nas múltiplas linguagens (Silva, 2020). Esses trabalhos valorizam a prática docente como processo dialógico, construído em interação com as crianças, os pares e os territórios.

Outro grupo de pesquisas dedica-se à discussão das políticas educacionais e da formação docente, problematizando disputas em torno das diretrizes curriculares, das condições de trabalho nas instituições de Educação Infantil e das tensões relacionadas à identidade e valorização profissional dos educadores. É o caso dos estudos de Borges (2022), Lobo (2022) e Canavieira (2019), que analisam os discursos e práticas associados à profissionalização e às exigências formativas da docência na creche e na pré-escola.

Por fim, vale destacar as produções que se aproximam de uma abordagem sensível e estética da docência, refletindo sobre a prática pedagógica por meio de experiências poéticas, criativas e afetivas. Algumas dissertações e teses exploram, por exemplo, o trabalho com a leitura literária (Trindade, 2023), a palhaçaria como expressão formativa (Penha, 2021) e a construção artesanal da docência, entendida como um fazer ético e estético, atento ao cotidiano e às singularidades das relações com as crianças (Machado, 2023; Streit, 2023).

Diante desse panorama, é possível afirmar que, embora os 52 trabalhos analisados abordem aspectos relevantes e diversos da docência na creche, nenhum deles contempla o desfralde como objeto de estudo ou como parte das experiências pedagógicas descritas. Essa ausência reforça a constatação de que o desfralde,

ainda que constitua uma prática cotidiana e significativa nas instituições de Educação Infantil, permanece invisibilizado na produção acadêmica, evidenciando uma lacuna importante que esta pesquisa busca, em alguma medida, enfrentar.

Assim, considerando o número reduzido de trabalhos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, optou-se por complementar o levantamento com uma busca no Google Acadêmico, utilizando o termo “desfralde controle esfinteriano”. Para essa etapa, estabeleceram-se alguns critérios de exclusão: foram considerados apenas materiais disponíveis em português, excluindo-se registros classificados como citações e patentes, bem como aqueles que não tratavam de crianças de 0 a 5 anos de idade, faixa etária correspondente ao público atendido na Educação Infantil (Brasil, 2017).

O recorte temporal adotado compreendeu o período de 2009 a 2024, tendo como marco inicial o ano de publicação das DCNEIs (Brasil, 2009). A escolha desse marco justifica-se pela importância dessa normativa na consolidação da Educação Infantil como uma etapa da Educação Básica com identidade própria. A partir desse documento, reforça-se a compreensão de que cuidar e educar são dimensões complementares e indissociáveis da prática pedagógica, o que torna especialmente relevante a análise de estudos produzidos após sua promulgação, sobretudo aqueles que abordam práticas cotidianas de cuidado, como o desfralde.

Com base nesses critérios, as produções localizadas foram organizadas no Quadro 4, que apresenta as principais informações dos estudos identificados no Google Acadêmico entre os anos de 2009 e 2024. A ordem em que os trabalhos aparecem no quadro segue a sequência de resultados da busca realizada na plataforma, após a aplicação dos critérios de exclusão mencionados anteriormente.

Quadro 4 - Produções disponíveis no Google Acadêmico com o termo de busca *desfralde controle esfinteriano*, período específico 2009-2024 - título, autor, tipo, instituição e ano de publicação.

	Título	Autor	Tipo	Instituição dos autores	Ano
01	Processo de aquisição do controle esfinteriano em crianças com paralisia cerebral	Nagely Reis da Silva; Luciana Machado Teixeira; Giane Braidá	Artigo publicado em periódico científico	Universidade Católica de Pelotas	2023
02	Freud e a fralda: o desfralde como um rito de passagem	Lucélia Paula Cabral Schmidt; Sabrina Teixeira Ferraz Grunewald;	Resumo expandido publicado em	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	2024

		Eder Schmidt	periódico científico		
03	Treinamento esfinteriano de crianças com transtorno do espectro autista: vivências, dificuldades e estratégias auxiliares	Milene Garcez Bertolotto; Luzia Iara Pfeifer; Amanda Mota Pacciullo Sposito	Artigo publicado em periódico científico	Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP)	2024
04	Desenvolvimento e testagem de um aplicativo para auxiliar o treinamento esfinteriano em crianças com Síndrome de Down	Renata Sampaio Rodrigues Soutinho	Tese de doutorado	Universidade Presbiteriana Mackenzie/Centro Universitário Cesmac	2022
05	Desfralde na educação infantil em normativas e documentos brasileiros	Maévi Anabel Nono; Gessica Santos Couto	Capítulo de livro	Universidade Estadual Paulista (UNESP)	2023
06	O desfralde como objeto de estudo na formação de pedagogos	Eliza Brito Freiburger de Moraes; Elaine Cristina De Barros Veronese; Tiago Arcanjo Orben; Tatiana Peres de Assis Maia	Artigo publicado em periódico científico	Centro Universitário Assis Gurgacz	2024
07	Estudo da associação entre o desfralde e o uso do eu	Anna Victória Pandjarjian Mekhitarian; Rogerio Lerner; Lia Queiroz do Amaral	Capítulo de livro	Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade	2020
08	Trenzinho do banheiro: conhecimentos sobre o treinamento esfinteriano no ambiente escolar	Cibele keiko Goh; Laura Klein; Mateus dos Santos Corrêa; Fernanda Pinheiro Fruger; Wesley Ferreira da Silva; Cecília Fernandes Lorea; Denise Marques	Trabalho publicado em anais de evento	Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)	2013

		Mota			
09	Contribuições sobre os fenômenos de risco de e incontinência urinária e fecal na criança: uma revisão narrativa	Paula de Souza Silva Freitas; Thays Vieira Gatti; Lais Biasuti Rassele; Renan Alves Silva; Cândida Caniçali Primo; Camila Takao Lopes; Alícia de Oliveira Pacheco; Micaelly Viegas	Trabalho publicado em anais de evento	Polícia Militar do Estado do Pará (PMPA); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Faculdade Factum	2023
10	O entendimento de professoras e familiares referente ao processo de desfralde de crianças bem pequenas	Renata Alves da Silva Cohen	Trabalho de Conclusão de Curso	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	2021
11	A percepção dos educadores acerca da disfunção eliminatória	Gabriela de Carvalho Nunes; Edevard José de Araújo; Eliete Magda Colombelli; José Antônio de Souza	Artigo publicado em periódico científico	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	2017
12	Treinamento esfinteriano: disfunções eliminatórias decorrentes.	Maria Fernanda Oliveira Dias; Myllena Letycia da Silva Batista; Monica Augusta Mombelli; Thiago Luis de Andrade Barbosa; Ludmila Mourão Xavier Gomes Andrade	Trabalho de Conclusão de Curso	Instituto Latino-Americano de Ciências Vida e da Natureza (ILACVN)	2024
13	Desenvolvimento de um aplicativo móvel para treinamento esfinteriano em crianças	Arthur Ricardo Oliveira; Ana Grasielle Dionisio Correa	Trabalho publicado em anais de evento	Universidade Presbiteriana Mackenzie	2020
14	Encoprese e intervenção psicológica: revisão de literatura	Jéssica Aline Rovaris; Bárbara Trevizan Guerra; Sandra Leal Calais; Carmen Maria Bueno Neme	Artigo publicado em periódico científico	Universidade Estadual Paulista (UNESP)	2015
15	As principais alterações sensório-motoras e a abordagem fisioterapêutica no Transtorno do Espectro	Mariana Callil Voos; Fabiana Sarilho de Mendonça; Tarita Inoue Oliveira	Capítulo de livro	Universidade de São Paulo (USP)	2020

	Autista	Garcia; Wania Christina Jorge			
16	Mapa diário da criança: identificando vulnerabilidades e fortalezas cotidianas na primeira infância	Débora Falleiros de Mello; Maria de La Ó Ramallo Veríssimo; Aurea Tamami Minagawa Toriyama; Jeniffer Stephanie Marques Hilário; Ana Paula Garbuio Cavalheiro	Capítulo de livro	Universidade de São Paulo (USP)	2022
17	Parâmetros para o desenvolvimento de louça sanitária infantil para creches	Ana Vitória Lúcio Martins; Lucas Ribeiro Jeronimo; Aline da Silva Oliveira Neves	Trabalho de Conclusão de Curso	Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	2021
18	Guia prático para professores: Abordagem de crianças com disfunção do trato urinário inferior na escola	Sabrina Orlandi da Cas Barbieri; Bruna Batista Moro; Luiz Henrique Seeger Teles; Alcina Braz; Melissa Medeiros	Artigo publicado em guia técnico	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	2024
19	O (des)controle dos esfíncteres no jardim de infância	Maria Isabel Carvalho Ferrão	Relatório de mestrado	Escola Superior de Educação de Lisboa	2022
20	Enurese	Aline Spiazzi	Trabalho de Conclusão de Residência Médica	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	2023
21	Desempenho ocupacional de crianças com síndrome de down atendidas em uma clínica escola	Soraya Paulina de Oliveira Saldanha	Monografia de conclusão de curso de graduação	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	2017
22	Infância nos caminhos da Psicologia: representações de infância psicologizada na revista Pais & Filhos (1968-1989)	Liana Pereira Borba dos Santos	Artigo publicado em periódico científico	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	2020
23	Que bom que ele havia estranhado: considerações sobre a metodologia IRDI	Milena da Rosa Silva; Cléo Busanello de Medeiros; Kellen Evaldt Arrozi;	Artigo publicado em periódico científico	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	2021

		Andrea Gabriela Ferrari			
24	Associação entre disfunção do trato urinário inferior e alergia alimentar em crianças e adolescentes	Luísa Campos Coutinho Sadala	Dissertação de mestrado	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	2023
25	O desfralde na criança com Síndrome de Down: aspectos relacionados ao treinamento esfinteriano	Renata Sampaio Rodrigues Soutinho; Fabiana Cavalcante Viana Barros Sales; Hugo Souza Bittencourt; Isis Nunes Veiga; Ana Grasielle Dionísio Corrêa; Evanisa Helena Maio de Brum; Silvana Maria Blascovi-Assis	Capítulo de livro	Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL)	2022
26	Abordagens fisioterapêuticas em crianças com TEA	Michaely Thainy Araujo de Lima	Trabalho de Conclusão de Curso	Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (Facisas)	2022
27	Currículo na educação infantil: algumas contribuições dos documentos oficiais	Priscila de Souza Ramos Vieira	Trabalho de Conclusão de Curso	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	2014
28	Sobre a (im)possibilidade de aprender: psicopedagogia e psicanálise	Silvia Szterling Munimos	Capítulo de livro	Universidade Federal de Pelotas (UFPeL)	2022
29	Consultoria colaborativa escolar na educação infantil: desafios da parceria escola-família durante a Covid-19	Adriana Sanches Sisto Lima	Dissertação de mestrado	Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)	2021
30	Síndrome de Down: desenvolvimento e testagem de um aplicativo de informação destinado a pais e cuidadores no Brasil	Hugo Souza Bittencourt	Tese de doutorado	Universidade Presbiteriana Mackenzie	2022

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Embora o foco principal desta pesquisa não tenha sido a realização de uma revisão bibliográfica sistemática, foi realizado um levantamento de caráter exploratório com o objetivo de mapear como o desfralde e o controle esfinteriano vêm sendo abordados em produções acadêmicas recentes. Inicialmente, foram identificados 54 registros por meio do Google Acadêmico. Após a aplicação de critérios de exclusão - como o idioma (apenas produções em português), a natureza do registro (exclusão de citações e patentes), e o recorte etário (desconsiderando trabalhos que não tratavam de crianças de 0 a 5 anos) -, foram selecionadas 30 produções para análise. A leitura dos títulos e resumos permitiu sistematizar os dados e elaborar uma análise descritiva e interpretativa das produções identificadas, respeitando o caráter exploratório e complementar dessa etapa.

De modo geral, observou-se uma maior incidência de produções sobre o tema nos cursos de graduação, especialmente em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), revelando uma escassez significativa de pesquisas sobre o desfralde na pós-graduação (Cohen, 2021; Vieira, 2014; Munimos, 2022; Martins, 2021; Lima, 2021; Soutinho, 2022). Essa constatação suscita reflexões importantes: por que um tema tão presente na rotina das instituições de Educação Infantil permanece pouco investigado nos programas de mestrado e doutorado? Tal ausência pode estar relacionada à histórica desvalorização das práticas de cuidado dentro da produção acadêmica, que muitas vezes são secundarizadas frente a temas considerados mais teóricos ou estruturantes do campo educacional. Esse descompasso indica a necessidade de uma ampliação dos olhares sobre as infâncias e suas práticas cotidianas, valorizando-as como objeto legítimo de investigação científica em todos os níveis da formação docente.

Nos registros analisados, a temática aparece, majoritariamente, sob a perspectiva de áreas como Psicologia, Enfermagem, Fisioterapia, Medicina, Fonoaudiologia, Psicopedagogia e Terapia Ocupacional, com enfoques variados - desde questões clínicas, terapêuticas e reabilitadoras até abordagens culturais, simbólicas e sociais (Rovarís *et al.*, 2015; Dias *et al.*, 2024; Spiazzi, 2023; Soutinho *et al.*, 2022; Mendonça *et al.*, 2020; Saldanha, 2017; Araújo de Lima, 2022; Santos, 2020; Sadala, 2023; Silva; Teixeira; Braidá, 2023). Também se destacam investigações que discutem aspectos emocionais e psicanalíticos (Szterling Munimos, 2022; Silva *et al.*, 2021), além de estudos que exploram o papel da

linguagem e o surgimento do “eu” no processo de desfralde (Mekhitarian *et al.*, 2020).

Poucos trabalhos vinculam diretamente o desfralde ao campo da Educação, e ainda mais escassos são aqueles que o abordam como uma dimensão pedagógica situada no cotidiano das instituições escolares (Nono; Couto, 2023; Cohen, 2021; Moraes *et al.*, 2024). Entre os que se aproximam desse olhar, destacam-se investigações sobre o entendimento de professoras e familiares, os desafios enfrentados na prática docente, e a consultoria colaborativa com famílias durante o período da pandemia (Cohen, 2021; Nunes *et al.*, 2017; Lima, 2021; Barbieri *et al.*, 2024; Ferrão, 2022; Lima, 2021; Ramos Vieira, 2014).

Entre os temas mais recorrentes nas produções analisadas, destacam-se: encoprese, enurese, incontinência fecal e urinária (Rovaris *et al.*, 2015; Dias *et al.*, 2024; Oliveira; Corrêa, 2020), sinais de prontidão, papel da família no processo, e o impacto de um desfralde mal conduzido. Há também estudos que exploram intervenções terapêuticas (Silva; Teixeira; Braidá, 2023), abordagens fisioterapêuticas em crianças com TEA (Mendonça *et al.*, 2020; Lima, 2022), e o uso de tecnologias como aplicativos móveis e jogos educativos (Soutinho *et al.*, 2022; Oliveira; Corrêa, 2020; Bittencourt, 2022).

Destacam-se ainda produções com caráter documental e normativo, que discutem lacunas nas políticas públicas, na formação docente e na estrutura das instituições de Educação Infantil (Nono; Couto, 2023; Ramos Vieira, 2014; Martins, 2021). Além disso, foram identificados relatos sobre o despreparo dos educadores (Nunes *et al.*, 2017; Barbieri *et al.*, 2024) e os impactos emocionais e sociais do desfralde na vida das crianças (Vicente, 2021; Silva *et al.*, 2021).

Em contextos que envolvem o público-alvo da Educação Especial, estudos apontam desafios específicos enfrentados por crianças com deficiência intelectual ou com Síndrome de Down, como atraso na aquisição da continência e falta de orientações adequadas para famílias e profissionais (Soutinho *et al.*, 2022; Saldanha, 2017; Bittencourt, 2022). Da mesma forma, crianças com paralisia cerebral também são afetadas por essas dificuldades, como mostra o estudo de Silva; Teixeira; Braidá (2023).

Por fim, embora esta pesquisa tenha priorizado produções com interfaces mais diretamente relacionadas ao campo da Educação Infantil, é relevante destacar outras contribuições que ampliam a compreensão do desfralde a partir de

perspectivas complementares. Entre elas, destacam-se estudos sobre mobiliários sanitários infantis (Martins, 2021), práticas educativas e interações escolares (Ferrão, 2022), dermatite de fraldas (Guerrer *et al.*, 2021), e abordagens interdisciplinares sobre as vulnerabilidades na primeira infância (Mello *et al.*, 2022). Essas contribuições reforçam o caráter multidisciplinar do tema e apontam para a importância de promover interlocuções entre os campos da Saúde, da Educação, da Cultura e do desenvolvimento infantil.

Diante desse conjunto de evidências, emerge a necessidade de ressignificar o desfralde no contexto educacional, reconhecendo-o como parte integrante das práticas formativas que envolvem o cotidiano das instituições de Educação Infantil.

Portanto, apesar da diversidade temática, é notável a ausência de uma abordagem que compreenda o desfralde como parte das experiências formativas no contexto da creche. Isso evidencia a carência de estudos que articulem o cuidar com o educar de forma integrada, como preconizado pelas DCNEIs (Brasil, 2009). Desse modo, a literatura analisada evidencia a urgência de se abordar a temática do desfralde na formação docente - especialmente na formação continuada -, bem como a necessidade de reconhecer e valorizar os saberes construídos no cotidiano da prática pedagógica.

Ademais, embora o desfralde seja amplamente discutido na literatura médica e em orientações dirigidas às famílias (Brazelton; Sparrow, 2005; Ghizoni *et al.*, 2021), é essencial reconhecer sua relevância também nas instituições de Educação Infantil, especialmente nas creches. No contexto brasileiro, as crianças permanecem por períodos prolongados nessas instituições, sendo fundamental que o desfralde seja incorporado ao cotidiano escolar como parte do projeto pedagógico, integrando o cuidar e o educar (Barbosa; Quadros, 2017; Gomes, 2019; Oliveira, 2007). Nesse sentido, é imprescindível que os professores compreendam o desfralde para além da dimensão fisiológica e técnica, assumindo-o como uma prática educativa intencional, que respeite a autonomia, o tempo individual e as singularidades de cada criança (Felipe, 2001; Barbosa; Quadros, 2017).

Diante disso, a relevância pedagógica do desfralde está diretamente ligada ao compromisso ético e educacional de oferecer ambientes escolares seguros e acolhedores, promovendo aprendizagens significativas relacionadas ao corpo, à higiene pessoal, à autonomia e às relações sociais. Quando compreendido sob a perspectiva educacional, o desfralde deixa de ser apenas uma etapa do

desenvolvimento físico para se tornar uma experiência educativa complexa e integrada, capaz de promover impactos positivos sobre a identidade corporal, a autoestima e o desenvolvimento integral das crianças pequenas (Barbosa; Quadros, 2017; Coutinho, 2013; Gomes, 2019).

Dessa forma, considerando a escassez de estudos sobre o desfralde na perspectiva educacional, pretende-se, com esta investigação, responder à seguinte questão de pesquisa: o que dizem professoras de creche sobre o desfralde na Educação Infantil?

Assim, como objetivo geral, pretende-se descrever e analisar o que dizem professoras de creches públicas de um município do noroeste paulista sobre o processo de desfralde das crianças na Educação Infantil.

Como objetivos específicos, espera-se:

1 – Identificar e analisar práticas relatadas pelas professoras de creche sobre o processo de desfralde de crianças na Educação Infantil (estratégias utilizadas, sinais das crianças sobre seu processo de desfralde, momento para o desfralde, etc);

2 – Descrever e analisar saberes sobre o desfralde que as participantes da pesquisa relatam ter aprendido durante seus cursos de formação inicial e continuada, além de lacunas em tais saberes apontadas pelas professoras;

3 – Analisar percepções das professoras sobre desafios enfrentados durante o processo de desfralde e estratégias que utilizam para superá-los;

4 – Apontar condições que as professoras afirmam encontrar nas creches que auxiliam ou dificultam o processo de desfralde das crianças bem pequenas;

5 – Identificar, a partir do ponto de vista das professoras, orientações e recomendações sobre o desfralde oferecidas pelas creches e pela Secretaria Municipal de Educação;

6 – Descrever e analisar dizeres das professoras sobre o papel das famílias no processo de desfralde.

Para isso, foi realizada uma pesquisa de abordagem quanti-qualitativa, por meio de questionários respondidos por professoras de creche que atuam nos Berçários II ¹ e nos Maternais I ² (São José do Rio Preto, 2016) de 10 creches

¹ Crianças de 1 a 2 anos, aproximadamente.

² Crianças de 2 anos até 2 anos e 11 meses, aproximadamente.

municipais. Os dados foram discutidos com base nos focos de análise previamente delimitados pelos objetivos da pesquisa.

Assim, apresenta-se primeiramente a seção de Fundamentação Teórica, em que se traz um panorama geral da Educação Infantil no Brasil, com ênfase nas crianças de 0 a 3 anos, e se aborda o processo de desfralde no contexto da creche. A seção está dividida em duas subseções: A creche e a docência na creche no contexto brasileiro e O desfralde na Educação Infantil. Na primeira são discutidas as normativas, documentos e pesquisas sobre a Educação Infantil, destacando sua origem assistencialista e a construção de uma Pedagogia da Primeira Infância. Na segunda são abordados os desafios pedagógicos relacionados ao desfralde e sua importância para o desenvolvimento da autonomia e da saúde das crianças.

Em seguida, na seção Procedimentos Metodológicos se apresenta o delineamento da pesquisa, o contexto, a amostra, os instrumentos de coleta de dados e os aspectos éticos. A análise dos dados foi conduzida com base nos focos definidos pelos objetivos da pesquisa, garantindo a clareza e a consistência dos resultados.

Na seção Descrição e Análise de Dados, apresentam-se os resultados organizados em um quadro geral e posteriormente discutidos em seis subseções, conforme os focos de análise. A seção explora saberes, práticas pedagógicas, desafios, estratégias, relações com as famílias e condições institucionais associadas ao desfralde.

Por fim, nas Considerações Finais, reflete-se sobre a importância do desfralde para a autonomia e o bem-estar das crianças de 0 a 3 anos. Defende-se a inclusão do tema nos cursos de formação docente e a valorização da parceria entre creche e famílias para garantir um processo respeitoso, individualizado e coerente com as necessidades infantis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo central descrever e analisar o que dizem professoras de creches públicas de um município do noroeste paulista sobre o processo de desfralde das crianças na Educação Infantil. A investigação buscou compreender como esse tema é tratado no cotidiano pedagógico e quais são os saberes, práticas e desafios que permeiam a atuação docente. Nesse percurso, buscou-se responder à seguinte questão: o que dizem professoras de creche sobre o desfralde na Educação Infantil?

A escolha do tema se fundamenta na constatação de que, embora o desfralde seja uma prática cotidiana e de extrema relevância para a primeira infância, ele permanece pouco discutido nas políticas públicas, nos currículos de formação docente e na produção acadêmica em nível de pós-graduação, especialmente no campo da Educação. Essa ausência contribui para sua recorrente desvinculação do campo pedagógico, sendo frequentemente tratado como uma tarefa de cuidado técnico, desvinculada de intencionalidade educativa.

Essa percepção foi confirmada pelo levantamento bibliográfico realizado no início da pesquisa, com recorte temporal entre 2009 e 2024. A busca resultou em 63 registros, dos quais 30 foram selecionados com base na aderência ao tema. A análise dos títulos e resumos revelou que a maioria das produções está concentrada em trabalhos de graduação, com predomínio de abordagens clínicas e psicológicas. A presença do desfralde como objeto de estudo no campo da Educação é incipiente, o que evidencia uma lacuna importante na literatura e reforça a necessidade de pesquisas que o considerem como uma prática pedagógica vinculada ao desenvolvimento integral das crianças.

A pesquisa adotou uma abordagem quanti-qualitativa, de natureza descritivo-analítica. O instrumento utilizado foi um questionário com questões abertas e fechadas, respondido por 46 docentes que atuam nos agrupamentos de Berçários II e Maternais I, em dez creches públicas da rede municipal, incluindo uma conveniada. A partir das respostas obtidas e do diálogo com a literatura da área, foi possível evidenciar aspectos relevantes da prática docente no que se refere ao desfralde.

As respostas das participantes revelaram que, na maioria dos casos, o saber docente relacionado ao desfralde é construído a partir da experiência cotidiana, da

observação de colegas mais experientes e das vivências pessoais, como a maternidade. Essa aprendizagem empírica, embora revele sensibilidade e adaptação por parte das educadoras, também escancara uma importante lacuna na formação inicial e continuada. Estudos como os de Coutinho (2013) e Goh *et al.* (2013) apontam que aspectos como o controle esfinteriano e os cuidados com o corpo infantil ainda são negligenciados nos currículos dos cursos de Pedagogia e Magistério, mesmo sendo fundamentais para o trabalho com crianças bem pequenas.

Embora muitas professoras reconheçam a importância de respeitar o tempo e os sinais de prontidão de cada criança, as estratégias relatadas nem sempre são intencionais do ponto de vista pedagógico. Em muitos casos, as ações são guiadas por crenças populares ou por rotinas institucionalizadas, o que fragiliza o processo educativo. Barbosa e Quadros (2017), Gomes (2019) e Brazelton e Sparrow (2005) defendem que o desfralde deve ser acompanhado de forma gradual, respeitosa e fundamentada, considerando os aspectos fisiológicos, bem como os fatores emocionais, sociais e culturais envolvidos.

A pesquisa também evidenciou que as condições institucionais impactam diretamente no processo de desfralde. Em muitas das creches em que trabalham as participantes da pesquisa, o número de crianças por sala ultrapassa o recomendado pelas Diretrizes Operacionais Nacionais de Qualidade e Equidade para a Educação Infantil (Brasil, 2024), dificultando o acompanhamento individualizado e comprometendo a qualidade do processo. Soma-se a isso a escassez de profissionais auxiliares e a formação inadequada de parte da equipe, composta em sua maioria por pessoas com Ensino Médio ou formação em áreas não relacionadas a Educação Infantil, como Enfermagem e Fisioterapia. Como aponta Coutinho (2013), atuar com crianças pequenas requer conhecimentos específicos sobre o desenvolvimento infantil e sensibilidade para lidar com suas múltiplas linguagens - o que nem sempre está garantido no contexto das instituições públicas.

A relação com as famílias também se revelou um ponto sensível, pois as professoras reconhecem a importância da corresponsabilidade no processo de desfralde, mas relataram desafios como a falta de diálogo, o envio inadequado de roupas, a colocação de fraldas sem comunicação prévia e divergências entre as práticas escolares e familiares. Em algumas falas, observou-se a expectativa de que o desfralde se inicie em casa, o que reforça a necessidade de ampliar o debate

sobre as responsabilidades compartilhadas entre escola e família. Nesse sentido, Minuzzi *et al.* (2021) destacam que o sucesso do desfralde depende de uma construção conjunta, sustentada por escuta, respeito e alinhamento entre os diferentes contextos de cuidado e educação.

No âmbito das orientações institucionais, as participantes apontaram a ausência de diretrizes claras sobre o desfralde. Embora o manual técnico da Secretaria Municipal de Educação (São José do Rio Preto, 2017) recomende o respeito ao tempo da criança e a participação das famílias, ele não apresenta orientações práticas ou estratégias pedagógicas sobre como acompanhar o processo. Essa lacuna gera insegurança entre os profissionais e resulta em condutas divergentes, inclusive dentro da mesma equipe. Dessa forma, Ghizoni *et al.* (2021) alertam que a falta de normatizações claras contribui para a descontinuidade e a fragmentação das práticas pedagógicas.

Diante desse cenário, é urgente ressignificar o desfralde no contexto da Educação Infantil, superando a dicotomia ainda presente entre o cuidar e o educar. Trata-se de uma prática que deve ser reconhecida como parte integrante do currículo, articulada ao desenvolvimento da autonomia, da identidade e do autocuidado, conforme preconizam a BNCC (Brasil, 2017) e as DCNEIs (Brasil, 2009). Isso implica o fortalecimento dos processos de formação docente, garantindo que o desfralde seja abordado de forma teórica e prática, promovendo uma atuação pedagógica crítica, reflexiva e sensível às necessidades das crianças.

Além disso, é essencial que as instituições garantam condições adequadas para a efetivação dessa prática, como número adequado de crianças por educador, banheiros adaptados, presença de profissionais qualificados e orientações institucionais consistentes, em consonância com as Diretrizes de Qualidade para a Educação Infantil (Brasil, 2024). A formação continuada de toda a equipe - incluindo auxiliares e agentes de apoio - também se mostra indispensável para assegurar um ambiente acolhedor, respeitoso e propício ao desenvolvimento integral das crianças.

Como limitação desta pesquisa, destaca-se sua abrangência restrita ao contexto de um único município e a utilização exclusiva de questionários como instrumento de coleta, o que pode ter limitado a profundidade das respostas. No entanto, os dados obtidos permitiram identificar tendências importantes e desafios recorrentes, que podem subsidiar novas investigações. Estudos futuros que incluam entrevistas e observações em campo poderão aprofundar a compreensão sobre as

práticas de desfralde e contribuir para a construção de políticas públicas e propostas pedagógicas mais sensíveis e integradas.

Nesse sentido, acredita-se que os resultados aqui apresentados, ainda que delimitados, possam fomentar o debate sobre políticas públicas, formação docente e organização institucional, contribuindo para que o processo de deixar as fraldas seja, de fato, uma experiência humanizada, significativa e promotora de vivências mais respeitosas e coerentes com os direitos e as necessidades das crianças pequenas.

Diante do exposto, conclui-se, portanto, que o desfralde deve ser compreendido como um momento formativo, atravessado por dimensões físicas, emocionais, sociais e culturais, que impactam diretamente o bem-estar e a construção da autonomia das crianças. Assim, reconhecer sua complexidade e garantir condições adequadas para que esse processo ocorra de forma respeitosa é um passo fundamental para que essa etapa deixe de ser invisibilizada e passe a ocupar o lugar que lhe é devido nas propostas pedagógicas das escolas de Educação Infantil e nos projetos pedagógicos dos cursos de Pedagogia, em consonância com o compromisso ético e político da educação com o desenvolvimento integral das crianças bem pequenas.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Katia de Souza *et al.* Continuando o debate sobre cuidado e educação de crianças nos primeiros anos de vida. **Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 23, n.1, p. 22-35, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/49985/751375150486>. Acesso em: 27 nov. 2023.
- ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação. **Revista da FAEBA: educação e contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-70432013000200009&script=sci_abstract&lng=en. Acesso em: 24 ago. 2024.
- BARBIERI, Sabrina Orlandi *et al.* **Guia prático para professores**: abordagem de crianças com disfunção do trato urinário inferior na escola. Santa Maria: UFSM: Editora PRE, 2024. (Série Extensão). *E-book*. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/32337/guia%20pratico.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 5 abr. 2025.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; QUADROS, Vanessa da Silva Rocha de. As aprendizagens cotidianas: os cuidados pessoais das crianças como gesto curricular. **Em Aberto**, Brasília, DF, v. 30, n. 100, p. 45-70, set./dez. 2017. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3213/2948>. Acesso em: 20 ago. 2023.
- BERTOLOTTO, Milene Garcez; PFEIFER, Luzia Iara; SPOSITO, Amanda Mota Pacciulio. Treinamento esfinteriano de crianças com transtorno do espectro autista: vivências, dificuldades e estratégias auxiliares. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 34, e34083, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/physis/2024.v34/e34083/>. Acesso em: 5 abr. 2025.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Aprendizagens em História. *In*: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2005. p. 199-216.
- BITTENCOURT, Hugo Souza. **Síndrome de Down**: desenvolvimento e testagem de um aplicativo de informação destinado a pais e cuidadores no Brasil. 2022. 71 f. Tese (Doutorado em Distúrbios do desenvolvimento) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, Maceió, 2022. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/9b1f9a7f-d8ac-431b-86d2-d9497acb4868>. Acesso em: 5 abr. 2025.
- BORGES, Juliana Diniz Gutierrez. **A formação docente nas políticas curriculares de educação infantil**: disputas por hegemonia: (2009-2019). 2022. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11578514. Acesso em: 5 abr. 2025.

BRASIL. **Anuário brasileiro da educação básica 2021**. São Paulo: Editora Moderna, 2021. Disponível em: https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/07/Anuario_21final.pdf. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, out. 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 2024. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo Escolar da Educação Básica 2022**: resumo técnico. Brasília, DF: Inep, 2023. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2022.pdf. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.274, 6 de fevereiro de 2006**. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.796, 4 de abril de 2013**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. 3 v. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 3 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. 3 v. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. 3 v. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 17 de outubro de 2024**. Institui as Diretrizes Operacionais Nacionais de Qualidade e Equidade para a Educação Infantil. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, ed. 205, p. 40, 22 out. 2024. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/ceb-n-1-de-17-de-outubro-de-2024-591687293>. Acesso em: 17 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB nº 20**, de 11 de novembro de 2009. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Relator: Raimundo Moacir Mendes Feitosa. Processo nº 23001.000038/2009-14. Brasília, DF: MEC/CNE, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020_09.pdf. Acesso em: 17 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC/CNE, 2009. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017**. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular [...]. Brasília, DF: MEC/CNE, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/RESOLUCAOCNE_CP222DEDEZEMBRODE2017.pdf. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES nº 246, de 4 de maio de 2016**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Funcionários da Educação Básica. Brasília, DF: MEC/CNE, 2016. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=40801-parecer-cne-ces-246-2016-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada. Brasília, DF: MEC/CNE, 2015. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=136731-rcp002-15-1&category_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto nº 8.752, de 9 de maio de 2016**. Dispõe sobre a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8752.htm. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Painel de Monitoramento do Plano Nacional de Educação (PNE)**. Brasília, DF: Inep, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/inep-data/painel-de-monitoramento-do-pne>. Acesso em: 19 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Indicadores da qualidade na educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/indic_qualit_educ_infantil.pdf. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/miolo_infraestr.pdf. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2006. v. 1. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade da educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/2020/141451-public-mec-web-isbn-2019-003/file>. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2006, v. 2. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol2.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB nº 20, de 11 de novembro de 2009.** Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica, Brasília, DF, nov. 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020_09.pdf. Acesso em: 20 ago. 2023.

BRASIL. **Resolução CEB Nº 1, de 7 de abril de 1999.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF, nov. 1999. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao_ceb_0199.pdf. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRAZELTON, Berry T.; SPARROW, Joshua. D. **Tirando as fraldas: o método** Brazelton. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BRUM, Evanisa Helena Maio de; CARREIRO, Luiz Renato Rodrigues; BLASCOVI-ASSIS, Silvana Maria (org.). **Saúde e educação na sociedade contemporânea: investigação científica e retorno social.** Maceió: Editora CESMAC, 2022. Disponível em: https://www.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/6-pos-graduacao/upm-higienopolis/mestrado-doutorado/disturbios_desenvolvimento/2022/Livro_Dinter_2022_SAUDE_E_EDUCA CAO.pdf. Acesso em: 5 abr. 2025.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Escola infantil: pra que te quero? *In*: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis Elise. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. p.13-22.

CAMPOS, Maria Malta. Avaliação da qualidade na educação infantil: impasses e perspectivas no Brasil. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora, v. 10, n. 1, p. 891-916, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/index.php/RPDE/article/view/32009/21221>. Acesso em: 27 nov. 2023.

CANAVIEIRA, Fabiana Oliveira. **O fim quem dá são as crianças, e, às vezes, não tem fim: concepções e práticas democráticas na educação infantil.** 2019. 282 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7722890. Acesso em: 5 abr. 2025.

CARVALHO, Tania Antunes. **Relação entre o processo de treinamento esfinteriano e a ocorrência de enurese primária monossintomática na idade escolar.** 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=12056868. Acesso em: 1 mar. 2025.

CASTRO, Hortensia Matias de. **Ser professor em tempos de pandemia**. 2023. 305 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2023. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14027559. Acesso em: 5 abr. 2025.

COELHO, Rita. Entre o direito e o dever. **Pátio: educação infantil**, [Porto Alegre], ano XII, n. 38, jan./mar. 2014.

COHEN, Renata Alves da Silva. **O entendimento de professoras e familiares referente ao processo de desfralde de crianças bem pequenas**. 2021. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/20651>. Acesso em: 05 abr. 2025.

COSTA, Eliene Santos de Faria. **Docência com Bebês?: autobiografia docente entre currículo e outras tramas**. 2020. 140 f. Dissertação (Mestrado em Currículo e Gestão da Escola Básica) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2020. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11323668. Acesso em: 05 abr. 2025.

COSTIN, Claudia. As 5 qualidades e as 5 fragilidades da educação infantil brasileira. In: FUNDAÇÃO MARIA CECÍLIA SOUTO VIDIGAL. **Educação infantil em pauta: cinco entrevistas essenciais para educadores**. São Paulo, 2018. p. 12-14. Disponível em: https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/fmcsv/entrevistas_essenciais_5_fmcsv_2016.pdf. Acesso em: 27 nov. 2023.

COUTINHO, Angela Scalabrin. A prática docente com os bebês. **[Blog] Estudando a criança pequena**, 2 jun. 2013. Disponível em: <http://criancapequenina.blogspot.com/2013/06/a-pratica-docente-com-os-bebes-angela.html>. Acesso em: 27 nov. 2023.

CRUZ, Giseli Barreto da; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; HOBOLD, Márcia de Souza. Indução profissional e o início do trabalho docente: debates e necessidades = Professional induction and the beginning of teaching work: debates and needs. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 14, 4149114, p. 1-15, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4149>. Acesso em: 6 jan. 2024.

DIAS, Maria Fernanda Oliveira *et al.* **Treinamento esfinteriano: disfunções eliminatórias decorrentes**. 2024. 38f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina) - Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2024. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/items/4d3cfd05-d3be-40ef-8174-68045fbae5ad>. Acesso em: 5 abr. 2025.

DOURADO, Luiz Fernandes. **Plano Nacional de Educação: o epicentro das políticas de Estado para a educação brasileira**. Goiânia: Imprensa Universitária/ANPAE, 2017.

FELIPE, Jane. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. *In*: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis Elise. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 27-37.

FERRÃO, Maria Isabel Carvalho. O (des)controle dos esfíncteres no jardim de infância. 2021-22. Dissertação (Mestrado em Educação Pré-Escolar) - Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa, 2021-22. Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/entities/publication/109ab971-5c9c-4bd8-8033-b2192cbd9fcb>. Acesso em: 5 abr. 2025.

FERRAZ, Beatriz. O que a creche deve garantir para oferecer educação de qualidade? *In*: FUNDAÇÃO MARIA CECÍLIA SOUTO VIDIGAL. **Educação Infantil em pauta: cinco entrevistas essenciais para educadores**. São Paulo, 2018. p. 3-6. Disponível em: https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/fmcsv/entrevistas_essenciais_5_fmcsv_2016.pdf. Acesso em: 27 nov. 2023.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREITAS, Paula de Souza Silva *et al.* Contribuições sobre os fenômenos de “risco de” e “incontinência urinária e fecal” na criança: uma revisão narrativa. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTOMATERAPIA. 16., 2023, Natal. **Anais [...]**. Natal: Associação Brasileira de Estomaterapia: Estomias, Feridas e Incontinências, 2023. Pôster. Disponível em: <https://anais.sobest.com.br/cbe/article/view/744/611>. Acesso em: 5 abr. 2025.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília, DF: UNESCO, 2009.

GHIZONI, Luiza. Etapas fisiológicas da aquisição do controle miccional e o impacto orgânico dos treinamentos de desfralde. *In*: GROPPPO, Ana Luísa; CECCONI, Candici; MONTONI, Carla; MILANI, Gissele; PERUSSI, Indi Castanho; GHIZONI, Luiza; SOARES, Maíra. **Desfralde consciente**. [s. l.]: Canto Maternar, 2021. p. 9-15. *E-book do Trabalho de conclusão de curso da Certificação em Atuação Consciente, Turma IV, da Escola da Educação Positiva*. Disponível em: <https://www.cantomaternar.com/ebook-desfralde-consciente/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRARDELLO, Gilka. **Infância: imaginação e educação em debate**. São Paulo: Papyrus, 2007.

GOH, Cibele Keiko; KLEIN, Laura; CORRÊA, Mateus dos Santos; FRUGERI, Fernanda Pinheiro; SILVA, Wesley Ferreira da; LOREA, Cecília Fernandes; MOTA, Denise Marques. *Trenzinho do banheiro: conhecimentos sobre o treinamento esfinteriano no ambiente escolar*. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 22., 2013, Pelotas. **Anais** [...]. Pelotas: UFPel, 2013. Disponível em: http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2013/CS_00963.pdf. Acesso em: 20 ago. 2023.

GOMES, Luana Rodrigues. **Explorando as necessidades de informação sobre treinamento esfinteriano em professores da educação infantil**. 2019. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/24779>. Acesso em: 20 ago. 2023.

HUBERMAN, Michael *et al.* O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p. 31-61. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua (PNAD contínua)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf. Acesso em: 27 nov. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/sao-jose-do-rio-preto.html>. Acesso em: 7 set. 2023.

LIMA, Adriana Sanches Sisto. **Consultoria colaborativa escolar na educação infantil: desafios da parceria escola-família durante a Covid-19**. 2021. 84 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/4653>. Acesso em: 5 abr. 2025.

LIMA, Michaely Thainy Araujo de. **Abordagens Fisioterapêuticas em Crianças com TEA**. 2022. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Fisioterapia) – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade de Cuiabá, Sinop, 2022. Disponível em: https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/46792/1/MICHAELY_THAINY_ATIVIDADE4.pdf.pdf. Acesso em: 05 abr. 2025.

LOBO, Rafael Franco. **A gestão e o gestor de escolas de educação infantil em publicações de teses (1997-2019)**. 2022. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2022. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11620428. Acesso em: 5 abr. 2025.

MACHADO, Niqueli Streck. **Artesanias docentes na educação infantil: fios que tecem o fazer pedagógico na pré-escola**. 2023. 217 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13741782. Acesso em: 5 abr. 2025.

MANHOLER, Estefania. **Educação infantil: sentido pessoal da atividade de ensino na educação de crianças de zero a três anos**. 2019. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação Social) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2019. Disponível em: <https://ppgecpn.ufms.br/files/2019/12/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Estefania-Manholer.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2025.

MARTINS, Ana Vitória Lúcio. **Parâmetros para o desenvolvimento de louça sanitária infantil para creches**. 2021. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Design) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/10867>. Acesso em: 5 abr. 2025.

MEKHITARIAN, Anna Victória Pandjarjian; LERNER, Rogério; AMARAL, Lia Queiroz do. Estudo da associação entre o desfralde e o uso do Eu. In: MATOS, Tallys Newton Fernandes de (org.). *A psicologia em suas diversas áreas de atuação*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2020. v. 3. p. 104-124. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/download-file/3235>. Acesso em: 5 abr. 2025.

MELLO, Débora Falleiros de. *et al.* Mapa diário da criança: identificando vulnerabilidades e fortalezas cotidianas na primeira infância. In: ROCHA, Esron Soares Carvalho; TOLEDO, Noeli das Neves; PINA, Rizioléia Marina Pinheiro; PEREIRA, Renan Sallazar Ferreira; SOUZA, Eduardo Sodré de. (org.). **Enfermagem no cuidado à saúde de populações em situação de vulnerabilidade**. Brasília, DF: Editora ABEn; 2022. p. 121-8. *E-book*. DOI: <https://doi.org/10.51234/aben.22.e11.c14>. Disponível em: https://publicacoes.abennacional.org.br/wp-content/uploads/2022/04/e11-vulneraveis_vol-I-cap14.pdf. Acesso em: 5 abr. 2025.

MINUZZI, Ana Paula; PAIM, Ane Elisa; LIMA, Camila Santos Pires; SIFRONI, Karla Gomes; KLAUBERG, Maristela Castro. **Processo de desfralde**. [Florianópolis]: UFSC, Núcleo de Desenvolvimento Infantil, Serviço de Enfermagem, 2021. 27 p. *Slides*. Materiais de apoio às famílias. Disponível em: <https://enfermagemndi.paginas.ufsc.br/files/2021/05/Processo-de-Desfralde.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MIRANDA, Simone Araujo. **Trajetórias de professores da educação infantil em uma rede municipal de ensino**. 2019. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Taubaté, Taubaté, 2019. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8593140. Acesso em: 5 abr. 2025.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Escola e aprendizagem da docência.** Processos de investigação e formação. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

MORAES, Eliza Brito Freiburger *et al.* O desfralde como objeto de estudo na formação de pedagogos. **Revista Thêma et Scientia**, Cascavel, v. 14, n. 2, p. 39-54, 2024. Disponível em: <https://themaetscientia.fag.edu.br/index.php/RTES/article/view/1484>. Acesso em: 5 abr. 2025.

MRAD, Flavia Cristina de Carvalho. **Treinamento esfinteriano em crianças com Síndrome de Down:** um estudo caso controle. 2017. Tese (Doutorado em Saúde) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5060712. Acesso em: 1 mar. 2025.

MUNIMOS, Silvia Szterling. **Sobre a (im)possibilidade de aprender: psicopedagogia e psicanálise.** Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/373723040_Sobre_a_impossibilidade_de_aprender_psicopedagogia_e_psicanalise. Acesso em: 5 abr. 2025.

NONO, Maévi Anabel; COUTO, Géssica Santos. Desfralde na educação infantil em normativas e documentos brasileiros. *In: OPEN Science Research XI*. Guarujá: Editora Científica Digital, 2023. p. 653-668. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/books/978-65-5360-350-9.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/WYkPDBFzMzrvnbsbYjmvCbd/?lang=pt>. Acesso em: 28 jan. 2024.

NUNES, Gabriela *et al.* A percepção dos educadores acerca da disfunção eliminatória. **Residência Pediátrica**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 97-101, 2017. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/residenciapediatria.com.br/pdf/v7n3a03.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2025.

NUNES, Maria Fernanda Rezende. Educação Infantil: instituições, funções e propostas. *In: CORSINO, Patrícia (ed.). Educação Infantil: cotidiano e políticas.* Campinas: Autores Associados, 2012. p.31-45.

OLIVEIRA, Arthur Ricardo; CORREA, Ana Grasielle Dionisio. Desenvolvimento de um aplicativo móvel para treinamento esfinteriano em crianças. *In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA*, 16.; *MOSTRA DE INICIAÇÃO TECNOLÓGICA*, 10., 2020, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2020. Disponível em: <http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/xvijornada/paper/view/2086/1229>. Acesso em: 5 abr. 2025.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. A construção da primeira base nacional comum curricular para a educação infantil. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, Salvador, v. 8, n. 2, p. 75-94, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/28263/19301>. Acesso em: 27 nov. 2023.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. O currículo na educação infantil: o que propõem as novas diretrizes nacionais? In: SEMINÁRIO NACIONAL DO CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte, 2010. Tema: Perspectivas atuais. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7153-2-1-curriculo-educacao-infantil-zilma-moraes/file>. Acesso em: 27 nov. 2023.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. Como definir uma pedagogia que oriente o trabalho em creche. **Pátio: educação infantil**, Porto Alegre, ano V, n. 13, mar./jun. 2007.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de; MARANHÃO, Damaris; ABBUD, Ieda; ZURAWSKI, Maria Paula; FERREIRA, Marisa Vasconcelos; AUGUSTO, Silvana. **O trabalho do professor na educação infantil**. 3. ed. São Paulo: Biruta, 2019.

PAZ, ANTONIA SUELY OLIVEIRA DA. **As narrativas de professoras e as suas práticas educativas no berçário da EMEI Cotijuba**. 2020. 153 f. Dissertação (Mestrado em Currículo e Gestão da Escola Básica) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2020. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11323259. Acesso em: 5 abr. 2025.

PEDRINI, Mirian Roberta. **Perfil e concepções de professoras de creches conveniadas de um município do noroeste paulista**. 2023. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ensino e Processos Formativos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/266ec231-ac9f-48f4-adc7-0f3db9457a52>. Acesso em: 30 mar. 2025.

PENHA, BIANKA BARBOSA. **Narrativa itinerante de uma professora palhaça**. 2021. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11444515. Acesso em: 5 abr. 2025.

PEREIRA, Mauricio Gomes. A seção de método de um artigo científico. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, DF, v. 22, n. 1, p. 183-184, jan.-mar. 2013. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v22n1/v22n1a20.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2024.

PIMENTEL, Maria Eliza Chierighini. **A atividade docente e o processo de humanização da criança de 0 a 3 anos de idade no espaço da educação infantil**. 2023 282 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13270648. Acesso em: 5 abr. 2025.

QUADROS, Vanessa da Silva Rocha de. Significando as vivências do desfralde na escola. **Pátio: educação infantil**, Porto Alegre, ano XV, n. 53, p. 28-31, out./dez. 2017.

REPULHO, Cleuza. Por que não conseguimos acolher todas as crianças na educação infantil? *In*: FUNDAÇÃO MARIA CECÍLIA SOUTO VIDIGAL. **Educação Infantil em pauta: cinco entrevistas essenciais para educadores**. São Paulo, 2018. p. 3-6. Disponível em: <https://biblioteca.fmcsv.org.br/biblioteca/cinco-entrevistas-essenciais-para-educadores/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

RIZZINI, Irene. **A criança e a lei no Brasil: revisitando a história (1822-2000)**. 2. ed. Brasília, DF: UNICEF; Rio de Janeiro: USU Editora Universitária, 2002.

ROVARIS, Jéssica Aline *et al.* Encoprese e intervenção psicológica: revisão de literatura. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 79-93, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844503006.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SADALA, Luísa Campos Coutinho. **Associação entre disfunção do trato urinário inferior e alergia alimentar em crianças e adolescentes**. 2023. 86 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/22754>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SALDANHA, Soraya Paulina de Oliveira. **Desempenho ocupacional de crianças com síndrome de down atendidas em uma clínica escola**. 2017. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Terapia Ocupacional) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11757>. Acesso em: 4 jul. 2025.

SANTOS, Liana Pereira Borba dos. Infância nos caminhos da psicologia: representações de infância psicologizada na Revista Pais & Filhos (1968-1989). **Revista Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades**, Teresina, v. 2, n. 1, p. 104-126, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/9871>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. Secretaria Municipal da Educação. **Primeiro manual de orientações técnicas integrando o cuidar e o educar na educação infantil**. São José do Rio Preto: Secretaria Municipal da Educação, 2017. Disponível em: <https://digital.educacao.riopreto.br/educacaoinfantil/documentos-escolares-sme>. Acesso em: 17 mar. 2025.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores no Brasil: dilemas e perspectivas, **Póiesis Pedagógica**, Catalão, v. 9, n. 1, p. 7-19, 2011. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v9i1.15667>. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/15667>. Acesso em: 3 nov. 2024.

SCHMIDT, Lucélia Paula Cabral; GRUNEWALD, Sabine Teixeira Ferraz; SCHMIDT, Eder. Freud e a fralda: o desfralde como um rito de passagem. **HU Revista**, v. 50, p. 1-5, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/43779>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SILVA, Ednalva Ambrosio da. **Sentidos e significados sobre a educação científica na educação infantil**. 2020. 111 f. Dissertação (Mestrado em Currículo e Gestão da Escola Básica) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2020. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11325465. Acesso em: 5 abr. 2025.

SILVA, Milena da Rosa *et al.* Que bom que ele havia estranhado: considerações sobre a metodologia IRDI. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 25, e226338, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/pPnSZytPCRgnFKszcxbhb9q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SILVA, Nagely Reis da; TEIXEIRA, Luciana Machado; BRAIDA, Giane. Processo de aquisição do controle esfinteriano em crianças com paralisia cerebral. **Revista Inspirar Movimento & Saúde**, Curitiba, v. 23, n. 2, p. 1-10, 2023. Disponível em: <https://revistams.inspirar.com.br/wp-content/uploads/2023/08/879-2020.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Departamento Científico de Dermatologia (gestão 2019-2021). Dermatite de fraldas: diagnósticos diferenciais. **Documentos Científicos. Dermatologia**, [Rio de Janeiro], n. 14, 11 out. 2022. Disponível em: https://sbp.com.br/fileadmin/user_upload/23551c-GPA_DermatiteFraldas_DiagnosticosDiferenciais.pdf. Acesso em: 27 abr. 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. SOCIEDADE BRASILEIRA DE UROLOGIA. Manual de orientação: treinamento esfinteriano. **Documentos Científicos. Pediatria do desenvolvimento e comportamento**, [Rio de Janeiro], set. 2019. Disponível em: https://portaldaurologia.org.br/medicos/wp-content/uploads/2020/01/Treinamento_Esfinteriano.pdf. Acesso em: 20 ago. 2023.

SOUTINHO, Renata Sampaio Rodrigues. **Desenvolvimento e testagem de um aplicativo para auxiliar o treinamento esfinteriano em crianças com síndrome de down**. 2022. 100 f. Tese (Doutorado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Maceió, 2022. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/7cfeb11b-30b9-4a5d-ba69-03ea36633118>. Acesso em: 3 nov. 2024.

SOUZA, Bruna Marcela Lima de. **Conhecimento e experiência de profissionais da educação infantil acerca do processo de treinamento esfinteriano em crianças pré-escolares**. 2019. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7680878. Acesso em: 1 mar. 2025.

SOUZA, Kellcia Rezende; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Abordagem quantitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em Educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21-44, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/29099/21313>. Acesso em: 23 abr. 2025.

SPIAZZI, Aline. **Enurese**. 2023. 15 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Residência Médica em Pediatria) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/255700>. Acesso em: 5 abr. 2025.

STREIT, Leticia Caroline da Silva. **Reflexões sobre modos de compor artesanias docentes na pré-escola**. 2023. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14286934. Acesso em: 5 abr. 2025.

TRINDADE, Talula Rita Montiel Severo Siqueira. **A imaginação é uma árvore brilhante: a leitura literária na educação infantil**. 2023, 160 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14990862. Acesso em: 5 abr. 2025.

VICENTE, Beatriz de Jesus Lopes. **Percursos de aprendizagens em educação de infância: experiências formativas e estudo do bem-estar emocional em creche**. 2021. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação Pré-escolar) - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Instituto Politécnico de Leiria, Leiria, 2021. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/8d6547879200a5f3afbf5b8e98b5f9a2/1?cbl=2026366&diss=y&pq-origsite=gscholar>. Acesso em: 5 abr. 2025.

VIEIRA, Priscila de Souza Ramos. **Currículo na educação infantil: algumas contribuições dos documentos oficiais**. 2014. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Docência na Educação Infantil) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/130407>. Acesso em: 5 abr. 2025.

VOOS, Mariana Callil; MENDONÇA, Fabiana Sarilho; GARCIA, Tarita Inoue Oliveira; JORGE, Wania Christina. As principais alterações sensório-motoras e a abordagem fisioterapêutica no Transtorno do Espectro Autista. *In*: COSTA, Elson Ferreira; SAMPAIO, Edilson Coelho (org.). **Desenvolvimento da criança e do adolescente: evidências científicas e considerações teóricas-práticas**. Guarujá: Científica Digital, 2020. p. 227-252. *E-book*. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/200801118.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2025.

ZUGMAN, Camilla Lima. **Adaptação transcultural do questionário Toileting Habit Profile Questionnaire - Revised (THPQ-R) para o português do Brasil**. 2021. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria e Psicologia Médica) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/bc2f3d29-dfd2-477e-92d8-4eb5ca55bb7a>. Acesso em: 3 nov. 2024.